

“APONTA AÍ!”: CURRÍCULOS DE INFÂNCIAS EM ARTEFATOS CULTURAIS POLÍTICOS ULTRA CONSERVADORES

Edimauro Matheus Carriel Ramos ¹
Jamil Cabral Sierra ²

RESUMO

A Sociologia da Infância compreende a criança como um indivíduo para além de pressupostos biologistas, ou seja, como um sujeito protagonista pleno e ativo, social e culturalmente. Neste prisma, as infâncias não se dissociam das práticas sociais, muito menos dos marcadores de classe, raça e gênero, dentre outros, mas são interpeladas de forma não linear por essas diferentes nuances. Entretanto, o adultocentrismo, perspectiva centrada na figura adulta, exerce o papel de mediador da subjetivação das infâncias por meio de pedagogias que instituem currículos, isto é, meios, processos e saberes a serem incorporados e desempenhados pelas crianças. Na seara pós-estruturalista, os Estudos Culturais encaram essas subjetivações como pedagogias culturais, as quais ensinam modos de ser e estar em determinado cenário social, político e cultural, de maneira a conformá-las às normatividades vigentes. Assim, pode-se considerar que as infâncias são atravessadas por incontáveis currículos que visam educá-las, desconsiderando suas pluralidades e particularidades. A partir dessas aproximações, o contexto político ultraconservador que compreende a gestão presidencial de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022) exerceu diferentes pedagogias culturais através de diferentes artefatos culturais e políticos que, de alguma forma demarcam representações da infância em seu governo. Neste contexto, indaga-se: quais currículos de infância foram evocados em diferentes artefatos políticos ultraconservadores? Compreendendo o artefato cultural como uma instância pedagógica, a pesquisa em tela tem como base metodológica a pesquisa bibliográfica e documental, com o objetivo de identificar notícias e reportagens online veiculadas ao contexto ultraconservador bolsonarista entre 2019-2022 que acionam discursos/discursividades sobre crianças e infâncias. A perspectiva teórica-analítica da pesquisa é pós-estruturalista dos Estudos Culturais, com emprego da análise do discurso foucaultiana. No mapeamento e na análise empregada, as infâncias são subjetivadas a partir de currículos bolsonaristas que fazem referência às condutas violentas, armamentistas e negacionistas, atributos estes considerados indispensáveis no cenário político em questão.

Palavras-chave: Infâncias, Currículo, Ultraconservadorismo, Estudos Culturais.

INTRODUÇÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

Esta pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (PPGE/UFPR) e ao Grupo Interdisciplinar em Linguagem, Diferença e Subjetivação (GILDA/CNPq), e trata da representação das infâncias em artefatos culturais políticos do contexto ultraconservador bolsonarista, que teve ascensão com a posse presidencial de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022).

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR) – Curitiba, PR, edimauroamos@ufpr.br.

² Professor orientador. Pós-Doutor em Educação, Universidade Federal do Paraná (UFPR) – Curitiba, PR, jamilsierra@ufpr.br.

O recrudescimento do cenário ultraconservador no cenário político brasileiro tem seu motim a partir de estratégias discursivas/ofensivas acerca das temáticas de gênero e sexualidade no contexto sociocultural e também educacional. Durante a formulação e aprovação dos planos municipais, estaduais e nacionais de educação em meados de 2014, o slogan da “ideologia de gênero”, assim como a ideia de “destruição da família” e “ideologia comunista LGBT” (PEREIRA; SIERRA, 2020) que, ainda engrenadas pelo surgimento do intitulado *kit gay* em 2011 e do Movimento Escola Sem Partido, faziam parte de uma agenda reacionária para barrar discussões sobre corpo, gênero e sexualidade de diferentes espaços educativos.

Nesse contexto em que estão as questões sobre as identidades sexuais e de gênero, entendemos que o cenário ultraconservador das últimas décadas é retroalimentado discursos que têm se empenhado em desqualificar o arcabouço dos Estudos Feministas, Estudos da Mulher e dos Estudos de Gênero, de maneira a instalar um pânico moral (MISKOLCI, 2007) sobre diferentes temáticas na seara política e também educacional, espaço este em que as pesquisas que contestam essas ofensivas têm sido alvo de críticas. Tais investidas reacionárias de movimentos antigênero que acreditam existir uma “ideologia de gênero” incorporam em suas agendas um tom discriminatório às formas de vida dissidentes da cisheteronormatividade que, “movimentam toda sorte de discursos e manifestações odiosas, apesar de soarem embotadas, constituem, afinal, mais do que uma espécie de pauta-comum em agendas eleitorais” (PEREIRA; SIERRA, 2023, p. 113).

Num contexto mais atual, a atualização do contexto ultraconservador deve-se a eleição de um candidato assumidamente LGBTfóbico, racista e misógino para o cargo de Presidente da República do Brasil. Em 2018, no segundo turno das eleições, Jair Messias Bolsonaro (Partido Liberal – PL) foi eleito por mais de 57.797.847 votos (55,1%), derrotando o candidato do Partido dos Trabalhadores (PT) Fernando Haddad. É necessário pontuar que, ao assumir a presidência em 2019, Bolsonaro não se tornou inteiramente responsável pelo avanço do ultraconservadorismo no Brasil: seus eleitores e figuras ligadas à sua imagem, também utilizaram de meios discursivos para instalar e reverberar lógicas discriminatórias e negligentes a respeito da diversidade sexual e de gênero em diferentes pastas de seus ministérios.

O bolsonarismo, como ficou conhecido, extensionou o fascismo por meio de ataques à democracia desde às eleições presidenciais em 2018 até os ataques antidemocráticos ao Supremo Tribunal Federal em janeiro de 2023. Quanto às pautas de gênero e sexualidade, seus embates foram realimentados por *fake news* e emblemas como “salvemos a família!”, “respeitem a inocência das crianças”, “meu filho, minhas regras!”, “meninos vestem azul, meninas vestem rosa!” (JUNQUEIRA, 2019, p. 125).

As acusações por parte de movimentações antigênero sobre a influência negativa dessas pautas na subjetivação de meninos e meninas idealizou sentidos sobre a ideia de infância em muitas discursividades³ políticas do cenário ultraconservador bolsonarista. No cerne das discursividades ultraconservadoras, diferentes sentidos sobre as infâncias circularam em artefatos culturais midiáticos (imagens, noticiários, publicidades e demais meios publicitários), com a intencionalidade de representar e constituir identidades culturais através de diferentes instâncias da cultura (SABAT, 2001). Episódios de meninos e meninas segurando armas ao lado do ex-presidente e fazendo “arminha com a mão foram alguns dos acontecimentos que ecoaram no meio ultraconservador como tentativa de representar uma infância violenta.

Ao trazer as infâncias para este recorte, a compreendemos, a partir da Sociologia da Infância, como polissêmica que se situa em um processo infindável que é atualizado constantemente nas práticas sociais (SARMENTO, 2005). Na contramão de pesquisas e práticas sociais que concebem a criança como apêndice em pesquisas nas Ciências Humanas e que esquadrinham, normatizam e normalizam a criança e a infância (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2010), as crianças não são pré-sujeitos, elas já o são, na plenitude de seus direitos. Enquanto plurais, no prisma da Sociologia da Infância, tende a problematizar e ressignificar ideais universalizantes que não levam em conta as hierarquias de classe, gênero, raça/etnia, nacionalidade e dos demais marcadores sociais de diferença que atravessam e produzem infâncias, haja visto que, assim como a própria categoria de infâncias, não acontecem de forma sincrônica no cotidiano de meninos e meninas (ROSEMBERG; MARIANO, 2010).

A perspectiva adultocentrada, conforme problematiza Fulvia Rosemberg (1976), é um dos aspectos que não servem apenas de referência para as crianças, mas que faz a prescrição sobre as expectativas da pessoa adulta em relação aos desejos e subjetividades da criança. Sob égide da figura adulta, a vida, o corpo, a identidade e as demais dimensões das crianças devem se organizar a partir do adulto, segundo a ideia adultocêntrica. Vale ressaltar os esforços da Sociologia da Infância ao longo do percurso histórico da noção plural das infâncias para subverter a noção adultocentrada predominante no século XV, na qual a criança era vista como um adulto em miniatura, dividindo os mesmos espaços e vestimentas das mulheres e homens. Na contemporaneidade, quando se trata de questões que envolvem a moralização e a inocentização da infância, discursos como o da “ideologia de gênero” são recorrentemente acionados para justificar biológica, social e juridicamente o “direito” sobre o corpo da criança.

³ Entende-se por discursividade o conjunto de meios discursivos e não discursivos que produzem enunciados.

Ao pautar sobre diferentes representações de infância em artefatos culturais, em especial aqueles que são na e por meio de discursividades políticas, estamos falando de currículos, conceito este que é central nas tessituras dessa pesquisa. Ao elucidar a presença e (re)produção de currículos que sustentam representações sobre infâncias, entendemos, para além de uma semântica escolar regimental e burocrática da ideia de currículo que perpetua e direciona ações, disciplinas e propósitos de aprendizagem, que o currículo e esses mesmos esforços se alastram para fora dos muros e pedagogias escolares (RAMOS, 2021). Neste sentido, existe um currículo, isto é, um conjunto de critérios e idealizações que subjetiva, produz hierarquias e identidades (SILVA, 2010), produzido nas e pelas relações de saber-poder que exercem pedagogias culturais, imbricadas em diferentes artefatos da cultura, como imagens, anúncios, desenhos, no cinema, nos brinquedos e etc. (ACCORSI; BALISCEI; TAKARA, 2021).

Essas pedagogias culturais exercidas impulsionadas a partir de um currículo que produz sujeitos, identidades e subjetiva práticas e discursos que, por sua vez, subjetivam condutas que ensinam formas de ser e de viver na sociedade (AMARAL; CASEIRA; MAGALHÃES, 2017). Pensar nessas pedagogias que perpassam os mais diferentes artefatos culturais, em especial nos artefatos vinculados à ideais políticos ultraconservadores, possibilita olhar para os referenciais e percepções de infâncias que circulam nesses meios sociais e que transmitem saberes.

Assim, a partir do que é discutido no cerne da Sociologia da Infância e as possibilidades articulatórias com as noções de currículo e pedagogia que são analisadas nos Estudos Culturais, entendemos como currículos de infâncias um conjunto heterogêneo de discursos, concepções, práticas, mecanismos normativos e pedagogias que buscam subjetivar as infâncias, rumo a uma homogeneização. Nesses currículos – no plural, pois não se trata de um conjunto homogêneo de práticas e pedagogias – os saberes são divididos entre os conhecimentos que são inteligíveis para a criança e os quais não são, o que é válido e o que não é (SILVA, 2003a). São nestes currículos que representações de gênero, raça-etnia, classe emergem, assim como refletem ideais políticos e os enquadramentos normativos que os regem.

Isso posto, a pergunta germinativa que conduz essa pesquisa é: quais currículos de infância foram evocados em diferentes artefatos políticos ultraconservadores bolsonaristas? A partir do problema de pesquisa, o objetivo geral desta investigação é identificar em notícias, imagens e reportagens publicadas entre 2018-2022 que acionam discursos/discursividades sobre a noção de infância e de criança. As justificativas dessa pesquisa se dividem em três: **justificativa pessoal**, marcada pela experiência pela/com a temática no campo da Educação e pesquisa, a **justificativa acadêmico-social**, que se empenha em pensar a produção das infâncias em diferentes contextos dentro do escopo da Pesquisa em Educação, e a **justificativa política**,

que diz respeito ao recrudescimento ultraconservador e as formas de captura e enquadramento das infâncias, que produzem outros sentidos sobre as mesmas.

O caminho metodológico deste estudo é o da pesquisa documental e bibliográfica. A ferramenta teórico-analítica se situa no campo pós-estruturalista, da vertente dos Estudos Culturais, assim como de ferramentas teóricas foucaultianas da Análise do Discurso, de maneira a compreender as práticas discursivas e não discursivas como relações de poder constituidoras da realidade e de inúmeros saberes (FOUCAULT, 2017).

METODOLOGIA

A natureza metodológica deste estudo é qualitativa e descritiva, com vistas a operar com diferentes significados, motivos, crenças, condutas e valores que correspondem a um horizonte mais profundo das relações, dos processos e de seus fenômenos (MINAYO, 2001). Assim, trilhamos o percurso da **pesquisa bibliográfica**, que lida, segundo Mello (2006, p. 61), “com o caminho teórico e documental já trilhado por outros pesquisadores e, portanto, trata-se de técnica definida com os propósitos da atividade de pesquisa, de modo geral”, e o da **pesquisa documental**, que olha para materiais diversos, como jornais, revistas, mídias, programas, filmes, imagens e outros que ainda não obtiveram tratamento analítico, “ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” (GIL, 2010, p. 45).

O foco documental foi o levantamento de reportagens online, matérias, notícias e postagens/compartilhamentos em redes sociais no período compreendido como o sobressalto das nuances ultraconservadoras bolsonaristas, que é entre os anos de 2018 a 2022, que evocassem sentidos sobre infâncias. As fontes de pesquisa para o levantamento e formação do material empírico foram: posts do Twitter (atualmente renomeado de X), do Instagram e de portais de notícias/jornais eletrônicos. Para isto, foram empregadas nas barras de busca dessas fontes os seguintes descritores e expressões para o mapeamento documental: “crianças e bolsonarismo”, “infâncias e bolsonarismo” e “meninos, meninas e bolsonarismo”.

Após o levantamento e seleção (que será descrito detalhadamente na próxima seção), o material empírico foi analisado e tensionado a partir da lente foucaultiana de Análise de Discurso. Olhamos para esses discursos e suas discursividades enquanto meios potentes para pensar os jogos de poder inscritos nas práticas discursivas, compreendendo que “exercer uma prática discursiva significa falar segundo determinadas regras, e expor as relações que se dão dentro de um discurso (FISCHER, 2001, p. 204). Ainda, sob o prisma das noções de currículo, o conjunto de material empírico foi problematizado à luz dos Estudos Culturais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, apresentamos o levantamento dos artefatos culturais políticos, isto é, do material empírico, e em seguida empreendemos as análises.

Tabela 1. Descrição dos materiais empíricos

Tipo de artefato	Data	Fonte
1. Tweet	17/06/2019	Twitter (X), perfil de Eduardo Bolsonaro ⁴
2. Tweet	03/09/2019	Twitter (X), perfil de Jair Bolsonaro
3. Post no Instagram	25/10/2019	Instagram, perfil de Capitão Assunção ⁵
4. Vídeo	23/04/2021	YouTube (Poder 360) ⁶

Fonte: autores

Artefatos 1 e 4: Tweet de Eduardo Bolsonaro e vídeo de Jair Bolsonaro com menino portando uma arma de brinquedo

Imagem 1. Compartilhamento de Eduardo Bolsonaro no Twitter (X)



Fonte: Catraca Livre, 2019.

⁴ O vídeo e a postagem compartilhados por Eduardo Bolsonaro foram excluídos de seu perfil no X. No entanto, inúmeras fontes de notícias repercutiram a postagem. Disponível em:

<https://catracalivre.com.br/cidadania/eduardo-bolsonaro-posta-video-de-crianca-com-arma-nas-maos/>. Acesso em: 03 out. 2023.

⁵ Idem. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/deputado-do-psl-posta-foto-de-filha-com-pistola-automatica-na-mao/>. 03 out. 2023.

⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=D3awgk8BX-8&t=4s>. Acesso em 03 out. 2023.

Dois artefatos de categorias analíticas semelhantes (meninos com armas) que derivam das enunciações políticas são um compartilhamento de um vídeo no perfil do deputado Eduardo Bolsonaro (Partido Liberal – PL) (1) e um vídeo de Jair Bolsonaro com uma criança portando uma arma em seu colo (2). No vídeo em questão (1) há um menino portando um rifle cantando uma música de funk, a partir do qual Eduardo Bolsonaro ironiza a questão do armamento no Brasil em relação a outros países. O vídeo foi excluído após repercussão negativa por se tratar da exposição de uma criança sem autorização. Cabe ainda destacar que essa foi uma manifestação do deputado contra o veto de um dos projetos de flexibilização do porte de armas.

A relação entre o armamento e os pressupostos do governo de Jair Bolsonaro são bem demarcados no cenário ultraconservador, sejam por meio de decretos e projetos de lei ou por demonstrações públicas que, conforme analisa Trevisan (2020), são demonstrações típicas de sociedade patriarcais em que os homens utilizam de meios e símbolos para extensionar metaforicamente a sua potência fálica e as relações com o poder. Porém, na postagem, o vetor ultraconservador bolsonarista de disseminação de ideais políticos não usa a imagem de uma criança de forma descompromissada: “há enunciados e relações, que o próprio discurso põe em funcionamento” (FISCHER, 2001, p. 198).

Em abril de 2021, Bolsonaro visitou seus/suas apoiadores/apoiadoras em Manaus, e dentre seu eleitorado também estava um menino carregando uma arma de brinquedo e fardado com o traje da Polícia Militar. O menino estava acompanhado do pai, que filmou (2) o momento exato que Bolsonaro carrega o garoto e pede para que ele *aponte* a arma, isto é, que segure a arma corretamente. O menino, orientado pelo ex-militar, aponta sua arma.

Imagem 2. “Aponta aí”, diz Bolsonaro à criança.



Fonte: Poder 360, 2021.

Em ambos os vídeos há um currículo de infância, de classe, de raça, de gênero que emanam dessa discursividade que reforça a questão da violência na constituição da masculinidade dos meninos desde a mais tenra idade, onde “inúmeras expectativas de gênero vêm sido depositadas nesses corpos ainda infantes [...]” que “são convocados a demonstrarem suas masculinidades hegemônicas” (FELIPE; GUIZZO, 2022, p. 65). A arma, como artefato defensor de uma masculinidade dita inteligível, ao ser atribuída a um menino, se acopla juntamente a outros elementos e referências de gênero que são pensadas por adultos para constituir a identidade das crianças, conhecidos como scripts de gênero (FELIPE; GUIZZO, 2022).

Artefato 2: Tweet de Jair Bolsonaro

Imagem 3. Tweet de Jair Bolsonaro



Fonte: Twitter (X), 2019.

O dispositivo reacionário da “ideologia de gênero” que Jair Bolsonaro se refere é uma invenção de origem católica, com finalidade de incendiar a arena político-educacional com ofensivas contra iniciativas de promoção e reconhecimento da diversidade sexual e de gênero, assim como na oposição contra adoção homoparental e a legalização do aborto (JUNQUEIRA, 2017). Estas ofensivas antigênero tiveram fortalecimento no governo Bolsonaro que tentava dizimar as articulações entre gênero, sexualidade e educação a qualquer custo.

No artefato em questão, Bolsonaro diz que o ensino da falaciosa “ideologia de gênero” vai contra os princípios da proteção à criança, uma pauta que nunca figurou em nenhum documento normativo e regimental da educação no país. Entretanto, não prover de meios para discutir sobre gênero, sexualidade, suas dissidências e suas consequentes discriminações com

crianças e adolescentes é ato inconstitucional, segundo parágrafos da Constituição Federal (1988), do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) e de outras políticas.

Os discursos sobre a pureza e a inocência da criança (SABAT, 2001) são um dos elementos que posicionam as infâncias nas/pelas relações de poder (FOUCAULT, 2008) propostas por essa ofensiva, que visa dispor de meios de subjetivação, currículos e pedagogias de uma infância privada e distanciada das discussões de gênero e sexualidade. É através desse currículo de infância que meninos e meninas têm aprendido quais manifestações de gênero e quais vivências da sexualidade são adequadas e “uma variedade de formas de conhecimento que embora não sejam reconhecidas como tais são vitais na formação da identidade e da subjetividade” (SILVA, 2001, p.140).

Artefato 3: Post no Instagram de Capitão Assumção

Imagem 4. Post no Instagram de Capitão Assumção



Fonte: Carta Capital, 2019.

Em seu perfil do Instagram, o deputado Lucínio Castelo de Assumção, conhecido como Capitão Assumção (PL), compartilhou a foto de sua própria filha, menor de idade, portando uma pistola automática. “Ensinando às nossas filhas o verdadeiro empoderamento! NUNCA SERÁ FEMINAZI!”, escreveu o deputado, fazendo uma referência deturpada ao feminismo. A recepção negativa da exposição da criança com uma arma fez com que os internautas denunciassem a postagem até que ela fosse removida do perfil do deputado, que disse “ *muito em breve, vou comprar uma Glock e vou gravar um vídeo com ela desmontando a arma*”.

O discurso do deputado representa apenas uma das vertentes reacionárias impulsionadas pelo movimento antigênero, que se apropria deturpadamente do arcabouço e teorizações

feministas para tecer críticas sobre o gênero e o feminismo. Dentre muitas estratégias estes discursos constroem um imaginário dos chamados doutrinadores desta ideologia: os “devoradores de criancinhas”, “pedófilos” (no caso de homens gays), assim como “gayzistas”, “heterofóbicos”, “crisofóbicos”, “feminazis” e dentre outras atribuições (JUNQUEIRA, 2019).

Entretanto, a exposição da criança portando a arma, uma menina, “usada” como parte de uma resposta de descontentamento com as epistemologias feministas, carrega sentidos de feminilidade que, perpassada pela violência, seria a correta a ser seguida pelas meninas e mulheres conservadoras. O vetor da violência, antes encorajada apenas aos meninos, alimenta também a subjetividade das meninas que *vestem rosa*⁷, segundo a ex-ministra Damares Alves, mas que também podem usar armas, segundo o deputado supracitado, tendo como ponto de referência atributos construídos como masculinos, os quais ditam regras e estabelecem posições de sujeito do feminino (WOODWARD, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos olhares lançados neste texto, pode-se dizer que as infâncias são cerceadas por pedagogias e currículos atravessados por noções de gênero e de sexualidade, além da flexionar com outros aspectos das diferenças (marcadamente brancas e de classe social mais favorecida). Essas pedagogias são revestidas e atualizadas e evocam novas discursividades quando posicionadas no cenário ultraconservador de nuance bolsonarista, fortemente marcado por declarações e artefatos que manifestam/reiteram uma posição-de-sujeito infantil, que é adultocentrada.

Cabe ainda deixar evidente que as crianças foram colocadas, instruídas e vulnerabilizadas em prol de um posicionamento ideológico que desconsidera suas pluralidades. A exposição das crianças às situações e artefatos supracitados representam os efeitos adversos das produções de saber-poder sobre gênero e sexualidade, e sobretudo sobre a noção de infância, densamente ressignificada nos Estudos Sociais e Críticos da Infância. Por fim, compreender essas pedagogias e esses currículos que operam na vastidão de discursividades e artefatos, é entender as representações de infâncias, gênero e de sexualidade que circulam nesses meios culturais e políticos, e porque circulam e quais são as suas intenções.

⁷ 'Menino veste azul e menina veste rosa', diz Damares Alves em vídeo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/menino-veste-azul-menina-veste-rosa-diz-damares-alves-em-video-23343024>. Acesso em: 12 nov. 2023.

REFERÊNCIAS

- ACCORSI, Fernanda Amorim; BALISCEI, João Paulo; TAKARA, Samilo. Pedagogias Culturais: peixe vivo, água fria e a sua companhia. In: ACCORSI, Fernanda Amorim; BALISCEI, João Paulo; TAKARA, Samilo (orgs.) **Como pode uma pedagogia viver fora da escola?** Estudos sobre pedagogias culturais. Londrina: Syntagma Editores, 2021. p. 14-22.
- AMARAL, Caroline Amaral; CASEIRA, Fabiani; MAGALHÃES, Joanalira. Artefatos Culturais: Pensando algumas possibilidades para a discussão dos corpos gêneros e sexualidades. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes. **Debates contemporâneos sobre educação para a sexualidade.** Rio Grande: Ed. da FURG, 2017. p. 121-134.
- FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca “Minha mãe me vestiu de Batman, mas eu sou a Mulher-gato: discussões sobre scripts de gênero, sexualidade e infância. In: SEFFNER, Fernando; FELIPE, J. **Educação, gênero e sexualidade:(Im) pertinências.** Editora Vozes, 2022. p. 56-74.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de pesquisa**, p. 197-223, 2001.
- FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. tradução de Luiz Felipe Baeta neves. **Rio de Janeiro: Forense Universitária**, 2008.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 42. **Ed. Petrópolis, RJ: Vozes**, 2014.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- JUNQUEIRA, Rogério. A “ideologia de gênero” existe, mas não é aquilo que você pensa que é. In: CÁSSIO, Fernando (Org.). **Educação contra a barbárie:** por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar. 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2019.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. "Ideologia de gênero": a gênese de uma categoria política reacionária - ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma "ameaça à família natural?". In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes. **Debates contemporâneos sobre educação para a sexualidade.** Rio Grande: Ed. da FURG, 2017. p. 25-52.
- MELLO, Ana Gláucia. **Metodologia de Pesquisa.** Palhoça: Unisul, 2006.
- MINAYO, Maria Cecília Souza. (Org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.
- PEREIRA, Tamires Tolomeotti; SIERRA, Jamil Cabral. Uma ficção biológico-conservadora: discursos de ódio contra as dissidências sexuais e de gênero e seus impactos na educação. **Retratos da Escola**, v. 14, n. 28, p. 39-56, 2020.
- RAMOS, Edimauro. A construção narrativa da bruxa Xianniang no live action de Mulan: pedagogias do gênero em ação. **Diversidade e Educação**, v. 9, n. 1, p. 305-323, 2021.



SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 1, 2001.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade**, v. 26, p. 361-378, 2005.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. SILVA, Tomaz Tadeu (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 73-102.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2ª ed., 2003.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 7-72.